



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FÁBIO SALES DOS SANTOS

**RESQUÍCIOS MEDIEVAIS EM SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB:
O CASO DOS VAQUEIROS.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

FÁBIO SALES DOS SANTOS

**RESQUICIOS MEDIEVAIS EM SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB: O CASO DOS
VAQUEIROS**

Trabalho de Conclusão de curso
(Artigo) apresentado a
Coordenação/Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em
História.

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro

Coorientador: Me. Petrócio Ladjanio de Araújo Pessoa

CAMPINA GRANDE – PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Fabio Sales dos.
Resquícios medievais em São Vicente do Seridó-PB
[manuscrito] : o caso dos vaqueiros / Fabio Sales dos Santos. -
2024.
23 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro,
Coordenação do Curso de História - CEDUC. "
1. Período medieval. 2. Vaqueiro. 3. Cultura. I. Título
21. ed. CDD 981.33


FÁBIO SALES DOS SANTOS

RESQUICIOS MEDIEVAIS EM SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB: O CASO DOS VAQUEIROS

Trabalho de Conclusão de curso (Artigo) apresentado a Coordenação/Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Aprovada em: 28/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LUIRA FREIRE MONTEIRO**
Data: 28/06/2024 17:51:31 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Petrúcio Ladjanio de Araújo Pessoa (Coorientador)
Universidade de Coimbra

Documento assinado digitalmente
 **ERIK MANOEL FARIAS DE BRITO**
Data: 01/07/2024 18:15:44 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Erik Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vaqueiro Zé Cupira.....	21
Figura 2 – Vaqueiro Zé Cupira na cavalgada.....	21
Figura 3 – Vaqueiro Cheiro na cavalgada.....	22
Figura 4 – Vaqueiro Cheiro aboiando o gado.....	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrevista com o vaqueiro mais antigo da região – Zé Cupira.....	20
Tabela 2 – Entrevista com o vaqueiro em atividade da região – Cheiro.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A LONGA DURAÇÃO E A IDADE MÉDIA	8
2.1. O Conceito de longa duração na História	10
2.2. O Fim da Idade Média	11
3. PREDOMINÂNCIA DE ELEMENTOS MEDIEVAIS NO BRASIL	12
3.1 Cavaleiros Medievais e Vaqueiros Nordestinos.....	13
3.2. Resquícios medievais em São Vicente do Seridó: O caso dos Vaqueiros.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	20

RESQUICIOS MEDIEVAIS EM SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB: O CASO DOS VAQUEIROS

TRACES OF MEDIEVAL TIMES IN SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB: THE CASE OF THE COWBOYS

Fábio Sales dos Santos¹

RESUMO

O pastoreio de gado vacum nos chamados “sertões da Paraíba” data do século XVIII, quando se deu o povoamento do interior da capitania. A partir da montagem dos currais e das grandes fazendas de gado, formaram-se os núcleos de povoamento dos sertões paraibanos. Nesses recônditos cristalizaram-se valores, saberes e uma cultura trazida pelos colonos portugueses que ali chegaram, e que traziam consigo, por sua vez, uma cultura milenar que moldara a sociedade portuguesa. O presente trabalho busca reconhecer a presencialidade de alguns aspectos típicos do período medieval europeu na sociedade e na cultura de vaqueiros de São Vicente do Seridó, na Paraíba. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, de natureza bibliométrica com uso complementar da metodologia da história oral. Para tanto, utilizamos autores tais como PONTES (2001), LE GOFF (2014), ARAÚJO (2005), QUIRINO (2022), cujos estudos nos permitiram analisar os dados coletados na prática da pesquisa. Esta, por sua vez, nos permitiu reafirmar o que vários estudos sobre o tema asseguram, ratificando-se que traços culturais e imagéticos foram trazidos e continuados em séculos distantes daquele que a linha do tempo histórico situa a Idade Média. O tempo histórico citado terminou, mas as raízes continuam firmemente nas práticas culturais de trabalhadores que desenvolvem a atividade de vaqueiros.

Palavras-Chave: período medieval; cultura dos vaqueiros; fazendas de gado.

ABSTRACT

The grazing of cattle in the so-called “backlands of Paraíba” dates back to the 18th century, when the countryside of the captaincy was populated. With the establishment of corrals and large cattle farms, settlement centers in the backlands of Paraíba were formed. In these secluded areas values, knowledge and a culture were crystallized, brought by the Portuguese settlers who arrived there, and who, in turn, brought with them an ancient culture that had shaped Portuguese society. This paper seeks to recognize the presence of certain typical aspects of the European medieval period in the society and culture of cowboys in São Vicente do Seridó, Paraíba. This is a descriptive study, with a qualitative approach, of a bibliometric nature with complementary use of oral history methodology. To this end, we used authors such as PONTES (2001), LE GOFF (2014), ARAÚJO (2005), QUIRINO (2022), whose studies allowed us to analyze the data collected during the research. This, in turn, allowed us to reaffirm what several studies on the subject assert, confirming that cultural and imagery traits were brought and continued through centuries beyond those marked by the historical timeline of the Middle Ages. The aforementioned historical time has

¹ Graduando do Curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: fabiosales2009@gmail.com

ended, but its roots remain firmly in the cultural practices of workers who carry out the activity of cowboys.

Keywords: medieval period; cowboy culture; cattle farms.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva reconhecer o período medieval e suas influências em épocas distintas, Pontes (2001) explica através da Teoria da Residualidade, que é possível identificar vestígios de um período anterior no tempo presente. Veremos como o resíduo dos modos; de pensar, viver e agir dos cavaleiros medievais, reflete com o passar dos séculos, no imaginário dos vaqueiros nordestinos. Neste contexto, observaremos como o código de ética desses cavaleiros está inserido na mentalidade dos vaqueiros são-vicentinos, e analisaremos como esse período se interliga a outros tempos distintos.

Por se tratar de um trabalho local, além de livros e artigos relacionados ao tema, fez-se necessário utilizar-se da História Oral além de fontes do período medieval que geralmente é estigmatizado por alguns o que o torna desafiador. Nesta tratativa de recortes relacionados ao tema, um dos principais nomes ligados ao pensamento medieval foi o do historiador Francês Jacques Le Goff, que em seus estudos tenta desassociar período medieval da idade das trevas e assim traça meios de uma visão não estigmatizada do período. Nesse contexto, a visão de Le Goff, será posteriormente interligada a de outros estudiosos.

Fernand Braudel cita “A História da Longa Duração”, para traçar um período que já passou e mesmo assim pode ser lembrado nas raízes de outros momentos históricos, por não se limitar apenas a um pequeno recorte de tempo, é o caso dos vaqueiros nordestinos e São Vicentinos.

Além das discussões sobre o período medieval, através das colocações dos estudiosos citados, abordaremos o contexto da colonização brasileira, sendo Portugal seu principal colonizador, verdadeiramente o Brasil carregaria a herança deixada pelos portugueses, a qual podemos perceber encrustada nas mentalidades e ações dos vaqueiros nordestinos, ressignificada pelo código de ética como sendo; o respeito aos padrões, a devoção (fé católica) e a bravura, características muito fortes dos cavaleiros medievais da época, podendo ser explicadas através do “resíduo”, elementos de culturas passadas que permanecem no tempo presente (PONTES, 2001).

Sendo assim, com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias, o avanço da economia, dentre outros aspectos, o sistema que foi imposto tenderia a perder espaço naturalmente, mas a resistência cultural e a tradição seguiriam dentro do pensamento dos vaqueiros, com as Cavalgadas, os símbolos e a religiosidade, a bravura se faz presente nesses homens resistentes.

Entrevistou-se dois vaqueiros são-vicentinos, apesar do número de entrevista ser pequeno e aproximando-se de uma “história de vida”, obtivemos nessas entrevistas respostas que puderam contribuir para o nosso argumento central: que os vaqueiros são-vicentinos herdaram elementos culturais provenientes do período medieval.

Portanto, buscou-se entender como um período tão distante e muitas vezes menosprezado pôde influenciar de maneira tão positiva, a vida de pessoas que vivem tempos distantes do seu recorte temporal, mas que trazem no seu imaginário resquícios medievais, observados através dos seus comportamentos, gosto pelo trabalho e crença.

2. A LONGA DURAÇÃO E A IDADE MÉDIA

Le Goff (2007), destacou algumas características referente a organização do período medieval e como foi o surgimento do novo conceito historiográfico a partir do século IV, existem alguns pontos essenciais nessa formação como: às invasões e instalações bárbaras no Antigo Império Romano, dos séculos IV ao VII, nos séculos VIII-X, a dominação carolíngia. A Europa Feudal nos séculos XI-XIII. No século XIII das universidades das catedrais e do gótico e do século XIV e XV do abalo, feito pelo renascimento.

Analisando as mudanças de tempo e espaço no decorrer da História, Le Goff (2014) mostrou-nos que a História não se limitava às batalhas, aos reis, aos governos. Não obstante, o medievalista via que mesmo a História passando por mudanças fundamentais no decorrer dos tempos, a Idade Média, deixava suas marcas estampadas noutros momentos Históricos:

...via perfeitamente que ficava um pouco da Idade Média em nosso mundo e em nossas existências e que essa Idade Média tinha passado definitivamente – mas deixava heranças. (LE GOFF, 2014, p.27)

Não se caracteriza como os eruditos das “luzes”² pensavam, o medievalista em muitos pontos ultrapassou aquilo que colocavam como período sombrio, Idade obscura de conhecimento e cultura. Se posto do ponto de vista negativo, qualquer momento histórico será negativo, uns mais, outros menos, mas, no contexto de periodização e de benefícios a sociedade medieval foi sem dúvida encantadora.

Se para Le Goff (2014), um fato histórico é construído pelo historiador, muito mais a periodização, na visão dele mais ainda. O historiador está citando Alphonse Allais, que ironiza as mudanças de tempos:

Como disse Alphonse Allais: o homem de 1492 sabia, ao deitar-se para dormir em 31 de dezembro na noite da Idade Média, que acordaria no dia seguinte, 1º de janeiro de 1493, na manhã do Renascimento? (LE GOFF, 2014, p.54)

O historiador continuando sua linha de raciocínio que não se pode descartar, na perspectiva que, um período histórico desaparece do nada ou que não se possa mudar um período pelo um simples marco temporal. Ao generalizar-se a minúscula Carolina sob Carlos Magno diz ele: “definitivamente não estamos mais na Antiguidade. Isso não impede que alguns traços da Antiguidade persistam aqui e ali em outras faces da mesma civilização” Le Goff (2014).

Por sua vez, historiadores como BASCHET (2006) e FRANCO (2001), mostram respectivamente a chegada dos Europeus ao novo mundo, repassando traços da residualidade medieval; respeito aos padrões, estrutura familiar patriarcal, mentalidade conservadora e também a Literatura Oral. Franco (2001) traça os artefatos linguísticos medievais usado pela terça parte da população mundial.

Neste contexto, Le Goff (2014) trata de assuntos relevantes para a tese de que um período não se esvairá pelo determinismo de datas, ou até mesmo por intelectuais que menosprezavam colocando como inferior:

² Ou Renascentistas: a exemplo de Giovanni Boccaccio e Petrarca que pensavam impulsionados pela nova forma de maneira de analisar a modernidade, eles tinham como objetivo ultrapassar a cultura medieval, dominada pela igreja.

... Nenhuma troca, porém, tem como referência uma única data, um único fato, um único lugar, num único domínio de atividade Humana. Para nós, franceses, a Segunda Guerra Mundial começa em 1939. Para os americanos e os russos, começa em 1941, mas para os tchecos ele terá começado bem antes, em 1938. (LE GOFF, 2014, p.55)

Esta argumentação endossa a ideia de que um período estar além de datas, o historiador francês cita classicamente a Segunda Guerra Mundial em contextos diferentes para alguns países, o país que entrou por último na guerra não pode dizer que a guerra começou na data de sua entrada, neste aspecto, a data vai delimitar a entrada do país e não o seu término ou início.

Outro exemplo clássico, é no contexto da nova História pensada pós Escola dos Annales³, isso não significa a total ruptura da História tradicional, na verdade os Annales apresentou contribuições significantes, mas a História tradicional ainda é vista em muitas escolas no mundo.

Segundo Jacques Le Goff (2014) a noção de Idade Média surge no século XIV com Petrarca⁴ e os Humanistas Italianos. Definida como *Medium tempus* (idade do meio, entre a Antiguidade e os Filósofos) ou período incolor para os medievais. A partir do século XVIII denominado das “Luzes”, a Idade Média ganha destaque negativo, período sem luz, sem gosto.

A idade Média não é mais, depois do século XVIII, o período incolor que os medievais pensavam viver, mas um período sombrio, enfeixado entre o passado esplendoroso da Antiguidade e o futuro luminoso dos Filósofos. É tempo oco, caracterizado pela ausência da razão e ausência do gosto. (LE GOFF, 2014, p.59)

A visão renascentista era de uma Antiguidade esplendorosa e os próprios Filósofos se colocavam como detentores da luz, do saber etc. Sendo assim, Le Goff (2014) mostrou Voltaire criticando o obscurantismo clerical, igualando a Idade Média aos erros de alguns grupos religiosos, sendo que o período estar além dos dogmas clericais.

No século XIX aparece a figura de Jacob Burckhardt⁵, o historiador da arte e da civilização, ligado a arte italiana do Quatrocento⁶, tendo estabelecido a teoria da ruptura. Segundo Le Goff (2014): “[...]”

Burckhardt “inventa” o Renascimento, com “R” maiúsculo, isola-o da Idade Média e estabelece esse corte definitivo [...]”. Burckhardt aparece como um ferrenho opositor da Idade Média com o Renascimento, colocando – A Idade Média - como o período das trevas. Nesse contexto surge o ser “Moderno”, recente, presente, ser melhor do que o período atual na sua perspectiva:

A partir de Burckhardt, o Moderno coroa a evolução, pula por cima de mil anos de errâncias (nossa Idade Média). Marca o início das coisas sérias, da civilização plena total, com seus progressos, sua Razão, seu saber incomparável, etc. (LE GOFF, 2014, p.61).

³ Ver: Burke, Peter. **A revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

⁴ Francesco Petrarca (1304-1374) foi um poeta italiano. Humanista, foi um dos precursores do Renascimento Italiano. Foi o inventor do soneto, poema com 14 versos. É também considerado o pai do Humanismo Italiano.

⁵ historiador suíço, autor da obra-prima A Cultura do Renascimento na Itália. file:///C:/Users/Win10%20Dell/Downloads/334-Texto%20do%20artigo-1100-1-10-20110615.pdf

⁶ O período da arte italiana correspondente ao século XV.

Le Goff (2014) citou outro historiador como algoz da Idade Média, o historiador francês Michelet (XIX) que outrora se encantou, agora passou a criticá-la; “Não existe nada de verdadeiramente bom, diz ele, antes do Renascimento, aurora dos tempos presentes, cujos símbolos são dois gigantes: Rabelais e Lutero”, LE GOFF (2014).

O período medieval foi caracterizado pelos humanistas como idade das trevas, mas Le Goff (2014) desmistifica essa ideia trazendo uma nova roupagem. Sabe-se que dentre dez séculos tivemos algumas características marcantes desse período, como: Alta (séc. V – X) e Baixa Idade Média (séc. XI – XV). Foram mil anos que marcaram a História da Europa de maneira significativa, por isso que Le Goff (2014) analisa o período de outra maneira, não simplesmente como período sombrio, a Idade Média foi uma era de grande dinamismo, essencial para a formação da sociedade europeia moderna.

É notório que o medievo da Península Ibérica, nos países Portugal e Espanha respectivamente, se estendeu por mais tempo do que em outras partes da Europa, a exemplo de França e Inglaterra, onde o renascimento surgia como nova forma de pensar, cristalizando esses países e tornando-os reconhecidos no cenário mundial. Dessa forma, no processo de colonização portuguesa, na extensão de terra que conhecemos hoje como Brasil, os traços medievais foram integrados e repassados desde o período da colonização. Enquanto parte da Europa; França e Inglaterra, viviam a era renascentista, Portugal ainda estava vivendo no período medieval, sendo a sociedade agrária e os modos de produções feudais. Além disso, as guerras da reconquista contra os muçumanos foi um dos fatores que podem ser observados nesse quesito de “atraso”, com relação a demora da chegada do Renascimento na Península.

2.1. O Conceito de longa duração na História

Na visão de Braudel (1965), a História tradicional limita-se ao tempo curto, ao período marcado por singularidades, o que a seu ver seria algo um tanto problemático, “habitou-nos, há muito, a seu relato precipitado, dramático, de fôlego curto”.

Sendo um dos membros da 2ª geração dos Annales, logicamente Braudel foi um crítico à história tradicional do século XIX, neste aspecto, essa história estaria ligada ao tempo curto, ou seja, aos fatos que seriam marcados apenas em determinado momento histórico, nesse decurso, o historiador busca o novo conceito de que já vinha sendo trabalhada na 1ª geração dos Annales, assim sendo, mostrou-se contrário ao tempo curto, buscou então estudar a longa duração dentro da História:

Se aceitarmos o fato de que o ir além do tempo curto foi o bem mais precioso, porque o mais raro, da historiografia dos cem últimos anos, compreenderemos o papel eminente da história das instituições, das religiões, das civilizações, e, graças à arqueologia, à qual são necessários vastos espaços cronológicos, o papel de vanguarda dos estudos consagrados à Antiguidade clássica. (BRAUDEL, p. 266).

O historiador mostrou seu diálogo com relação à ruptura dentro da história, assim como foi difícil com a história tradicional, em sua visão foi difícil à descontinuidade da história curta para a longa, “a recente ruptura com as formas tradicionais da história do século XIX não foi uma ruptura total com o tempo curto”, Braudel (1965). Neste aspecto a história dita curta continuou com seus moldes apesar da longa duração (com Braudel), mas o historiador colocou como sucesso:

A dificuldade, por um paradoxo apenas aparente, é revelar a longa duração no domínio em que a pesquisa histórica acaba de obter inegáveis sucessos: o domínio econômico. Ciclos, interciclos, crises estruturais escondem, aqui, as regularidades, as permanências de sistemas ou, segundo alguns, de civilizações econômicas (13), - isto é, velhos hábitos de pensar e agir, quadros resistentes, difíceis de desaparecer, às vezes contra toda a lógica. (BRAUDEL, p. 270).

Observa-se que dentro dos períodos históricos na perspectiva do historiador, a longa duração foi de fundamental importância, neste aspecto, os períodos longos foram relevantes para ter uma melhor noção dentro da historiografia, por exemplo, a Revolução Industrial modificou o jeito de o mundo pensar em todos os aspectos, na sua visão, ela perpassou às fronteiras do século XVIII.

Sendo o nome da 3ª Geração dos Annales, Jacque Le Goff recebeu a herança de Bloch, Febvre e também de Braudel que passou o “bastão” da 2ª para a 3ª Geração, Le Goff foi um dos nomes principais, sendo assim, mesmo trabalhando criticamente ele aprofundou a longa duração para enriquecer seus estudos medievais, sobretudo com a longa duração medieval.

2.2. O Fim da Idade Média

O fim da Idade Média é complexo de se afirmar, pois muitos delimitam datas que na verdade podem ser dos seus próprios interesses. Essa data é costumeiramente colocada na historiografia no ano de 1453, com a queda de Bizâncio. Le Goff (2014) coloca essa periodização do término medieval como perturbadora, segundo ele ainda no século XVI e XVII:

Eu mesmo ouvi um especialista em história militar afirmar que o comandante guerreiro Wallenstein (1583-1634), um dos protagonistas da guerra dos Trinta Anos, foi o último grande capitão da Idade Média. (LE GOFF, 2014, p.66).

Essa delimitação de término é um tanto conturbada na historiografia, há possibilidades de fim, no entanto, um período histórico não se limita a certas datas, mesmo sabendo que aquele período de fato “terminou” ele pode influenciar em certas questões noutros momentos históricos. “Eis porque falei de uma longa Idade Média, uma Idade Média que – em certos aspectos de nossa civilização – perdura ainda e, às vezes, desabrocha bem depois de datas oficiais” LE GOFF (2014).

As séries de acontecimentos “após” e dentro da Idade Média é chamado de renascimentos por Le Goff (2014), mas nenhum deles foi citado pelo autor como o término da Idade Média, neste caso o historiador analisou uma série de momentos para descrever o que seria esse “final medieval”, classificando o Renascimento do século XVI como O “Grande Renascimento Medieval” e descrevendo como esse muda a Perspectiva Medieval, na tentativa de anular a Idade Média. Na visão de Le Goff um desses momentos seria a reforma de Lutero:

Eu diria mesmo que a separação do cristianismo em dois grupos (os Reformados e os Romanos) fere o homem medieval, mas não o surpreende: já tinha havido momentos de dois ou três papas concomitantes, reinos eram excomungados, havia guerras contra o papa, etc. (LE GOFF, 2014, p.77).

A Reforma foi uma das séries de acontecimentos para a ruptura da religião medieval, sendo um dos pontos que demarca o “fim” do período medieval. É certo que

no decorrer dos séculos as pessoas não iriam viver do mesmo modo que viviam durante a Idade Média, mas esse período influenciou e deixou marcas nos posteriores, neutralizando a visão de um período apenas “sombrio” como muitos o colocam.

Como observado mais acima, o período medieval foi dividido em Alta e Baixa Idade Média: Alta Idade Média, caracterizada por migrações germânicas, ascensão do reino franco, surgimento do feudalismo: reis, clero, nobreza, servos e com a economia ruralizada, tendo os feudos autossuficientes e a hegemonia da Igreja Católica. A Baixa Idade Média foi caracterizada pelo crescimento demográfico, a crise no Feudalismo, as Cruzadas, Renascimento Comercial e Urbano, a Peste Negra e a formação das Monarquias Nacionais Modernas. Sendo assim, não seria viável que um período tão extenso e cheio de características fosse derrubado e desaparecesse de um dia para o outro com a queda de Constantinopla em 1453, por isso o resíduo medieval é percebido em momentos distantes da linha do tempo tradicional da historiografia.

3. PREDOMINÂNCIA DE ELEMENTOS MEDIEVAIS NO BRASIL

A Idade Média portuguesa respinga-se no Brasil em caráter da colonização, as estruturas legadas pelo período se dá, sobretudo, com as estruturas que os colonizadores trouxeram para o país. Para Ribeiro (2011) “o medieval português se prolongaria no Brasil, pelo viés da colonização”, ou seja, a cultura repassada pelos portugueses seria refletida na nova sociedade que se formaria, é o caso da religião Católica que se perpetuou na sociedade colonial brasileira, bem como, a servidão que os vaqueiros tinham com os fazendeiros, PELOSO (1983), analisa esse ponto como uma construção semifeudal e patriarcal, onde o fazendeiro se aproveita do serviço incansável do vaqueiro. Isso significa dizer que as estruturas do pensamento brasileiro foram marcadas por esse viés, sendo assim perpetuada às gerações seguintes.

Sendo influenciado pelos portugueses o Brasil seria moldado conforme seus colonizadores. Nesse aspecto o que era realidade em Portugal seria transplantada no país. O regime que foi concebido ainda na Idade Média seria trazido para a nova nação.

Tal mandonismo foi exportado para o Brasil através de seus colonizadores, dentre os quais se destacam os portugueses, que trouxeram consigo sua mentalidade medieval, tradicionalista, patriarcalista e autoritária, sendo difundida por todo território brasileiro, sobretudo no Nordeste... e ao isolamento da região, o que permitia uma maior manutenção de tradições, do conservadorismo. (SOARES, MIRANDA, MARTINS, p.6)

Dentro dessa perspectiva um elemento básico herdado da Idade Média no Brasil foi a questão política traçada pelos colonos para o novo Estado que se formaria. O que era praticado na Idade Média portuguesa sem dúvidas seria posta no novo país, como é o caso do conservadorismo autoritário, a figura do patriarca que tinham o respeito e sua palavra era ordem.

Além de introduzirem o sistema político de poder, os portugueses através da perspectiva teórica da residualidade, trouxeram traços culturais como religiosidade (fé católica) e sensibilidade popular, o respeito ao senhor e a sociedade patriarcal. A presença do “sagrado” propagado pelos portugueses, foi fator crucial dentro do imaginário brasileiro. Nesta visão, Macedo (2011), destaca em sua análise:

Não é a toa que os vestígios mais evidentes da residualidade medieval no Brasil digam respeito aos elementos da religiosidade e sensibilidade populares. Um bom exemplo é o do castelo construído em 1984 pelo

sertanejo José Antônio Barreto, conhecido popularmente como Zé dos Montes, na Serra da Tapuia, encravado na zona agreste do Estado do Rio Grande do Norte. (MACEDO, 2011, p.17).

Macedo (2011), traça uma visão a respeito da fé de Zé dos Montes, o que mostra claramente um elemento medieval encravado no Brasil, no caso da fé e a devoção a Deus e o respeito aos patrões. Retrata que "...a Idade Média encontra-se viva, pulsante, sem qualquer compromisso com sincronia ou cronologia". Na visão de Gomes (2011), "A cristandade Colonial no Brasil é uma herança medieval, transplantada de Portugal, remodelada e ressignificada na situação colonial".

Neste sentido, percebemos que parte dessa herança medieval portuguesa manteve-se no Brasil mesmo com as modificações sofridas ao longo do tempo após o fim da colonização, esses elementos ditos como herança medieval são mais perceptíveis e de forma mais acentuada em regiões mais isoladas e em atividades ligadas ao imaginário: religião, cultura, festas populares, folclore; no nosso caso em específico na atividade do vaqueiro nordestino, não só como atividade de pastoreio, mas todo um capital cultural que envolve à atividade nos sertões do Nordeste.

3.1 Cavaleiros Medievais e Vaqueiros Nordestinos

Quirino (2022), retrata a subordinação do vaqueiro ao coronel, sendo que este deveria cumprir à risca todas as determinações feitas pelo seu senhor – manter-se fiel a toda dinâmica do sistema, aparentando ao que o suserano fazia com o vassalo: "A figura do coronel seria, portanto, o equivalente a um senhor feudal, (que possuía terras e exercia poder sobre os habitantes dessas terras, incluindo servos e vassalos). No seu latifúndio (o seu feudo) ele era a voz e a lei" (QUIRINO, 2022, p.1623).

Com o passar do tempo (em especial após a década de 80 do século XX), com o surgimento das novas tecnologias e o avanço da economia, a atividade dos vaqueiros (pastores de gado) entrou em crise, contudo é perceptível em todos os Estados do Nordeste uma resistência por parte desse grupo para sobreviverem aos novos tempos.

Cavalgadas, festa do Vaqueiro, a exaltação dos símbolos e da religiosidade, da bravura etc. São exemplos de que a atividade do vaqueiro perpassou o pastoreio de gado bovino se identificando mais como um movimento cultural. Para entender essa resistência e como isso vem acontecendo é preciso que entendamos as origens e raízes dessa atividade centenária e sua ligação com os cavaleiros medievais.

Araújo (2005), traça alguns pontos importantes sobre os cavaleiros medievais e ao mesmo tempo, compara alguns códigos de ética que assemelham aos vaqueiros nordestinos, sobretudo aqueles citados por José de Alencar em seu livro "O Sertanejo". Alguns personagens de "O Sertanejo" são comparados aos cavaleiros medievais, tendo algumas semelhanças no modo de se portar, na fidelidade, devoção a Deus e ao senhor.

O romance O sertanejo, de José de Alencar, tem como protagonista o vaqueiro sertanejo Arnaldo Louredo, cuja trajetória guarda algumas aproximações com as representações literárias do cavaleiro medieval, sobretudo no que concerne ao código de ética da cavalaria, eternizado pelos poemas e narrativas do período medieval que resistiram ao desaparecimento. (ARAÚJO, 2005, p. 145).

As marcas medievais escritas na história do Brasil encaixam-se no que Braudel (1965) chamou de longa duração. Os aspectos fundamentais resistiram às longas datas históricas, sendo que as comparações são para se ter uma ideia de como o

período citado resistiu ao tempo, sabe-se que pessoas mudam, o tempo muda, pois não é estático, mas marcas são repassadas para outras gerações, sobretudo aos países que foram colonizados pelos europeus, como é o caso do Brasil. Neste sentido, Araújo (2005), analisa uma cena na obra de “O Sertanejo” de José de Alencar, em que o capitão-mor estende a mão para um sertanejo ao modo que os reis suseranos estendiam para os seus vassallos no período medieval:

(...). Então o capitão-mor revestiu-se de toda a solenidade de aparato e estendeu majestosamente a mão para Arnaldo o qual apeando-se pronto veio beijá-la comovido ...alguns elementos que nos levam a uma identificação como o rito de sagração de um cavaleiro: a solenidade do ato; o gesto majestoso do capitão-mor, aproximando-se do gesto de um rei-suserano que nomeia cavaleiros e vassallos; a prontidão de Arnaldo, numa atitude próxima de “servir” da vassalagem, e a comoção do mancebo diante da possibilidade do perdão, o que confirmaria sua devoção ao capitão-mor que o recebe de modo paternal. (ARAÚJO, 2005, p. 147).

Dessa forma como era visto na Idade Média com os suseranos e os cavaleiros, sobretudo no que concerne o cerimonial de sagração, sendo um ritual público cheio de simbolismos. “Tal como ocorre na cena protagonizada pelo capitão-mor e pelo o sertanejo, o rito medieval de sagração de cavaleiros se dava diante de testemunhas, que seriam a garantia do contrato entre suserano e vassallo” (ARAÚJO, 2005).

Outra situação aparente estar nos traços enraizados da fé do Vaqueiro Arnaldo Louredo e a fé dos Cavaleiros medievais, que lutavam em prol de uma “obra” maior, a causa de Deus e a defesa dos mais necessitados. Esse código enraíza-se nessas figuras de maneira singular, a fé ultrapassa os limites de suas condutas, eles vivem em prol disso.

... Robert Delort ainda vai mais além e estabelece uma divisão segundo a qual se orientariam as sociedades medievais europeias. O historiador francês chega a demonstrar que as ramificações principais da vida social do medievo transitariam entre três categorias de homens: “os que trabalham: os camponeses” (“Ceux qui travaillent: les paysans”), “os que combatem: os cavaleiros” (“Ceux qui combattent: les chevaliers”), e “os que oram: clérigos” (“Ceux qui prient: les clercs”). O cavaleiro agregaria atributos dos dois outros, pois ele está a serviço do senhor, da amada e de Deus, além de ter sua ligação com os desvalidos pela piedade. Nesse sentido, o personagem Arnaldo Louredo se adequaria bem as três categorias de homens mencionados por Delort. (ARAÚJO, 2005, p. 155).

Por sua vez, PEREIRA (2019) analisando a vida do vaqueiro nordestino, assegura que “o modelo pastoril do Nordeste deu origem à particularidade da sociedade sertaneja”. Isto se configura em mais um traço aparente com a vida medieval, com certa precisão a relação com o cavaleiro medieval, que habitava num contexto pastoril, ou seja, sua vida de batalhas passava-se antes de tudo também no campo.

Antes de tudo a vida do Vaqueiro passa-se pelo campo, na proteção das fazendas dos senhores, assim enfatiza-se a relação com a cavalaria medieval que se encontrava nos campos, pois muitos deles recebiam terras e direito de cobranças, apesar de serem nobres.

Ele assemelha-se a um cavaleiro, pois toma para si funções de proteção à casa e à família. Tais funções, no âmbito de uma narrativa de cavalaria, seriam conferidas pelo senhor ao cavaleiro, com todas as possibilidades de

combate decorrentes das situações limítrofes em que o personagem e seus “protegidos” podem vir a se encontrar. (ARAÚJO, 2005, p. 155).

Os vaqueiros nordestinos dentro de suas obrigações recebidas pelos seus patrões incorporam massivamente os cavaleiros medievais, essas funções por mais simples que se possam parecer é tida por eles como uma grandiosidade:

...Fazendeiros e boiadeiros faziam com que seus vaqueiros, ao tomar conta das terras e dos rebanhos, obtivessem maior prestígio se comparado ao de outros trabalhadores (como, por exemplo, almocreves, tangerinos, moradores, meiros, lavradores, agricultores), e mesmo de outros vaqueiros que não eram responsáveis diretos pela propriedade e pelo rebanho bovino selvagem... Percebe-se, portanto, que o vaqueiro que tinha poder sobre os trabalhadores e cuidava do rebanho selvagem ganhava maior notoriedade e prestígio que os demais no contexto da economia pastoril. (PEREIRA, 2019, p.158).

Essa incorporação por parte dos vaqueiros é notória por sua valentia, eles não sentiam medo das intempéries que pudessem encontrar nos “campos”⁷ das fazendas, sua obrigação de servir era maior do que suas próprias limitações físicas. Essa visão aparenta-se um tanto quanto o cavaleiro medieval e sua devoção ao rei.

De um lado, o vaqueiro como trabalhador estimado no qual o patrão deve confiar. De outro, o fazendeiro a quem o vaqueiro deveria respeitar, por lhe distribuir, como moeda de troca, prestígio político e parcela do seu rebanho. Nessa Lógica, o fazendeiro foi sempre visto como o elemento dominante da relação. (PEREIRA, 2019, p.166).

Neste mesmo sentido, o cavaleiro medieval era subserviente ao suserano, essa relação perdurou muitos séculos. As trocas de favores sempre favorecem aos mais poderosos, mas o desejo de servir os dominavam.

Quirino (2022), analisa que “...nas terras sertanejas, que as reverberações da imagética medieval portuguesa se fizeram mais sentir e transformarem aquele lugar”. O ambiente Nordeste sertanejo no contexto brasileiro foi o que mais reverberou os resquícios medievais, sobretudo quando se trata dos vaqueiros, na questão da fé e códigos de ética.

No século XIX, há uma proliferação de movimentos milenaristas no Nordeste cuja esperança na volta de D. Sebastião e seus cavaleiros das brumas do além-mar, era a base do discurso utilizado por alguns líderes desses movimentos para convencer a população mais humilde e crédula de que era necessário segui-los, para assim, entrarem nas fileiras do povo escolhido de Deus e viverem os mil anos felizes do Paraíso na Terra. (QUIRINO, 2022, p. 1615).

Assim, o ambiente de origem sertaneja foi fundamental no sentido de colonização europeia, o sertanejo, assim como foi o europeu era um povo de crença, inabaláveis na sua fé, os cavaleiros medievais lutavam em prol de sua fé, os colonizadores viram no sertão uma terra fértil para proclamação do Evangelho. Neste aspecto muitos vaqueiros eram tidos como homens religiosos, da mesma forma que eram os cavaleiros medievais.

Outra figura típica do sertão nordestino era a do coronel, assim como o Rei Suserano que tinha o cavaleiro em seu domínio, o coronel tinha os vaqueiros, como no caso do Vaqueiro José Louredo.

⁷ “Campo significa a parte não cercada da caatinga”

Na organização do trabalho dentro da fazenda, destacava-se um trabalhador, era o vaqueiro, cuja responsabilidade era de cuidar do gado. O vaqueiro vestia-se com um gibão e chapéu de pele para pastorear o gado que se embrenhava pela caatinga – nos dias atuais, esta continua sendo sua vestimenta tradicional. No Nordeste brasileiro, quando se fala em vaqueiro, o gibão é a primeira coisa que vem-se a mente, pois, não há vaqueiro nordestino que não use. Pensar nos vaqueiros do sertão é quase o mesmo que pensar no gibão de couro, sua vestimenta característica e típica. (QUIRINO, 2022, p. 1623).

O gibão está para o vaqueiro, assim como a armadura estava para o cavaleiro medieval, são indumentárias que os identificam. Roupas cruciais para o destaque dentre os demais do povo. O campo de batalha identificava o cavaleiro, assim como o “campo” caatinga identificava o vaqueiro. Além dessas características o sertão nordestino aparenta-se um tanto ao mundo medieval:

Os colonos que povoaram as terras brasileiras- a princípio, as terras litorâneas – levaram em seu imaginário a tradição da oralidade medieval. Tal fato teria possibilitado a conservação de alguns caracteres da sociedade colonizadora quando da conquista do sertão nordestino. O Nordeste brasileiro teria recebido da metrópole modelos sócias, econômicos e culturais de cariz próximo ao medieval e, junto a tais modelos viriam as bases ideológicas de uma religiosidade dominante e profunda... Assim podemos dizer que no processo de colonização brasileira, o sertão constituiu-se num mundo à parte. Diferentemente de outras regiões daquela terra brasilis, esse espaço geográfico do interior nordestino incorporou de forma profunda e indelével o imaginário medieval tardio e tal fato foi preponderante para sua formação identitária. (QUIRINO, 2022, p. 1620).

Nesta perspectiva os sertões nordestinos foram o palco para incorporação e uma ressignificação de valores medievais que se mantiveram no Brasil, mesmo depois de passados séculos. Os vaqueiros de forma identitária mantiveram uma ligação profunda com os valores medievais preservando-os em sua mentalidade.

3.2. Resquícios medievais em São Vicente do Seridó: O caso dos Vaqueiros

A tradição nos remonta ao povoamento da cidade aos meados do século XX, mas segundo Pessoa (2003) a cidade de São Vicente do Seridó está localizada na região da Borborema no planalto da Borborema, e microrregião do Seridó Oriental Paraibano. Tendo como seus limites ao Norte com Pedra Lavrada, ao Sul com Juazeirinho e Soledade, ao Leste com Cubati o povoamento do que se tornaria a cidade de São Vicente do Seridó aconteceu muito antes e por influência direta da atividade pecuária. “O gado vai ser o fator preponderante na conquista dos sertões paraibanos” (2003, p. 17).

A povoação desse território aconteceu inicialmente por meio de ocupação do território através da pecuária, de forma lenta, mas que remonta ao século XIX, todavia sua povoação se maximizou a partir de meados do século XX. A pecuária era a principal fonte de renda dessa população, desde donos de gado a vaqueiros, aos comerciantes de pele ou carne, todos estavam envolvidos nessa atividade. A distância da capital, o isolamento de grandes centros e a própria importância que a atividade pecuária tinha nesse período foram fatores importantes para o desenvolvimento de uma mentalidade comum que enaltecia os valores preservados nos códigos de ética de cavaleiros medievais.

É percebido uma queda brusca na profissão de vaqueiro, todavia, existe a resistência como veremos nas entrevistas feitas com dois vaqueiros da região de São Vicente do Seridó. O primeiro entrevistado, é o vaqueiro “Zé Cupira”⁸ o mais antigo da cidade, começou sua lida na profissão por volta do ano de 1964, trabalhava sobretudo para o sustento familiar, e quando questionado, com que idade surgiu o desejo de ser vaqueiro e por quê? Respondeu, que na sua visão ‘já nasceu com o desejo de ser vaqueiro’, o seu salário na época era apenas o básico para sustentar a família.

A principal responsabilidade do senhor “Zé Cupira”, era cuidar do gado e da roça do patrão, ainda no diálogo, indagado se gostava do seu patrão, responde que ‘gostava, nunca teve desentendimento com eles’, sendo obediente as suas ordens, apontando semelhanças ao cavaleiro medieval, no quesito respeito e obediência. Outra resistência observada, é a questão da cavalgada idealizada pelo primeiro entrevistado, que reúne vaqueiros locais e de outros estados, hoje a cavalgada celebrada em homenagem a Nossa Senhora da Conceição ultrapassa de mil vaqueiros. Eis o diálogo estabelecido sobre as cavalgadas com o interlocutor.

- De quem partiu a ideia de iniciar as cavalgadas no município? Qual o sentido da cavalgada?

Ele respondeu:

- Foi minha mesmo, faz 18 anos de cavalgada. Começou com 62 cavalos, hoje passa de mil. A primeira foi no dia de Nossa Senhora da Conceição, é uma questão de gosto pelos cavalos e fé.

A questão suscitaria o entrevistado a demonstrar a religiosidade através de suas palavras, assim ele expressa em sua resposta a sua fé na Nossa Senhora da Conceição, nesse contexto, percebe-se a ligação com o personagem vaqueiro Arnaldo, descrito por Araújo (2005), confirmada na sua devoção a Virgem Santíssima e Nossa Senhora da Penha, além do santinho relicário que carrega consigo como amuleto protetor, essa devoção aos santos é reafirmada pelo vaqueiro entrevistado.

O segundo entrevistado é um vaqueiro atuante, “Cheiro”⁹, começou sua lida com o gado no ano de 1990, na sua visão o amor a profissão veio do seu pai, trabalha desde criança e ainda permanece trabalhando até os dias atuais. Apesar de muito jovem não buscou outra profissão senão a que o pai lhe ensinou, a herança reflete sobre preservar valores, as literaturas apontam a obediência ao pai como um traço muito forte na época medieval, os filhos deviam honra aos pais, lealdade e acatavam as suas ordens, “ser pai na Idade Média era proporcionar a base para a sobrevivência” e assim o filho seria capaz de continuar o seu legado Parra (2018). É fácil de observar a influência paternal, através das cavalgadas realizadas na cidade de São Vicente do Seridó, muitos jovens e crianças usam indumentárias e participam ao lado de seus pais, buscando a atividade de vaqueiro como uma forma de resistência, amor e sobretudo da força imaginária.

O vaqueiro “Cheiro”, sempre trabalhou ganhando um salário mínimo, como o vaqueiro “Zé Cupira”, também trabalha cuidando do gado e do roçado, gosta dos seus patrões e nunca houve desentendimento. Observa-se o vínculo pessoal de lealdade, através do gosto por seus patrões, antes representado na relação da suserania-vassalagem, na Idade Média, enquanto o suserano fornecia meios e ajuda necessária

⁸ José Francisco de Alcântara, conhecido na cidade como Zé Cupira: nasceu em São Vicente do Seridó no ano de 1938, viúvo e pai de 10 filhos, começou o trabalho como vaqueiro aos 26 anos de idade. Atualmente reside na cidade de São Vicente do Seridó, e mora na zona urbana.

⁹ José Manoel dos Santos, conhecido como “Cheiro”: nasceu em São Vicente do Seridó no ano de 1967, casado e pai de 5 filhos, começou o trabalho como vaqueiro no de 1990. Atualmente reside na cidade de São Vicente do Seridó, e mora na zona urbana.

para o vassalo, este cuidava de suas terras, sendo uma relação bilateral, não podendo ser confundida com a de servo e senhor Franco (2001). Relata ainda em um dos diálogos estabelecidos ‘faz 19 anos que trabalho na fazenda de João Dantas, no Sítio Santa Cruz e Acauã’. Cuida do gado, gosta de ser vaqueiro, porém ressalta, “É uma vida sofrida e tem que ter coragem, é um sentimento que já nasce na pessoa”.

Na visão dos dois vaqueiros entrevistados é preciso ter coragem para lidar com o dia a dia da profissão, apesar do amor, tem que ser ousado para não retroceder e continuar a trajetória, ‘para ser vaqueiro tem que ser forte, vai além do gibão, tem que ter garra’. Diante dos assuntos abordados, os discursos dos vaqueiros são-vicentinos estão relacionados no contexto dos cavaleiros medievais e dos vaqueiros nordestinos, as raízes estão encrustadas nesses homens apesar do recorte de tempo proposto. Percebe-se que ambos reforçam o fato de que, o gosto pela profissão de vaqueiro já “nasce com a pessoa”. A história, na verdade, teve uma continuação imaginária nessa perspectiva, pois esses dois vaqueiros são pessoas com pouco estudo, mas relatam situações que estão interligadas com as histórias tanto dos cavaleiros medievais quanto dos vaqueiros nordestinos.

Neste contexto, é necessário observar que a profissão do vaqueiro perdeu muito “espaço” com relação aquilo que se entende por criação e cuidado do gado, mas os traços culturais resistem ao advento dos novos tempos. A principal resistência em São Vicente do Seridó é a cavalgada mencionada pelo entrevistado 01, pois o mesmo é o idealizador, e nessa cavalgada “passam de mil cavalos em homenagem a santa”, Nossa Senhora da Conceição, também padroeira de Portugal. É observado algumas características medievais nos vaqueiros citados; primeiro a questão da fé, esses homens passavam por situações difíceis, mas sempre tinham na fé repassada pelos colonizadores (religião católica) algo que os faziam acreditar que tudo melhoraria. Segundo ponto, o modelo patriarcal, no medievo os homens traziam o sustento da família e eram respeitados como chefe familiar. Terceiro, o respeito aos patrões, como era visto no medievo e a mentalidade conservadora de manter a tradição para os seus descendentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como a História se desdobra dentro de um período é descobrir sua singularidade, seus percalços, e acima de tudo, desconstruir preconceitos a eles gestados. O Historiador Jacques Le Goff, considera o período medieval fascinante, sabendo que alguns contextos podem ser questionados.

Observamos que traços culturais e imagéticos foram trazidos e continuados em séculos distantes daquele que a linha do tempo histórico situa a Idade Média, o tempo histórico citado terminou, como qualquer outro tende a terminar, mas as raízes continuam firmemente.

Dentro desse exposto observado, estão os vaqueiros nordestinos, pois apesar da grande maioria serem iletrados, nasceram com o “sangue” que se via na época medieval. A obra de José de Alencar, O Sertanejo, demonstra os códigos de ética que o cavaleiro medieval possuía, visto nos vaqueiros nordestinos muitos séculos depois. Dessa forma, é notória as marcas deixadas por um período que já passou a séculos, a reverberação dos resquícios medievais estão mais claros no Nordeste brasileiro, sobretudo com os vaqueiros.

Sendo o município de São Vicente do Seridó nordestino, não seria diferente dos demais municípios paraibanos que receberam heranças medievais, seja da crença, dos costumes, da força e devoção a Deus. Assim, esse imaginário local é

tomado em nossos dias, pela fé, força e coragem desses homens que resistem aos tempos mais modernos da história humana, vaqueiros que ainda amam o que fazem, no trabalho com o animal, na crença, e no desejo de continuarem suas jornadas apesar de todas as adversidades que encontram na profissão, nesse caso, profissão com sinônimo de amor e devoção e deixam o seu legado para outras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARAÚJO Neto, Miguel Leocádio. **O Cavaleiro Sertanejo** – Aspecto do Código de Ética Cavaleiresco Medieval em o Sertanejo, de José de Alencar. Biblos, Rio Grande, 2005.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil a colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006. 578 p.; il. 9788525041395.
- BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais: a longa duração**. Revista de História, [S. L], v. 30, n, 62, p. 261-294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- BURKE, Peter. **A revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- COSTA, Flamarion Laba da. **Da península ibérica / a ecúmena do mundo**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2009.
- FRANCO Junior, Hilário, **1948 - A Idade média: nascimento do Ocidente**. 2. Ed. rev. E ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **1924 – Em busca da Idade Média/ Jacques Le Goff; com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy; Tradução de Marcos Castro** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa/tradução Jaime A. Clasen**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MACEDO, José Rivair (org.). **A Idade Média Portuguesa e o Brasil: Reminiscências, Transformações, Ressignificações**. Porto Alegre: Vidrúguas, 2011.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. **Atualizações do Medievalo: no romanceiro nordestino e no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna**. Revista Graphos, vol.17, nº2, 2015.
- PELOSO, Silvano. **Medievalo no sertão: tradição medieval europeia e arquétipos da literatura popular no Nordeste do Brasil**. Natal: EDUFRRN, 2019.
- PARRA, Ana Raquel da Cruz. **A Paternidade na Idade Média: o caso de D. Dinis**. Universidade de Lisboa, 2017-2018.
- PEREIRA, Renan Martins. **Cavaleiros em Tempos de Glória: uma análise etnográfica da história do vaqueiro do Nordeste**. Campos V. 20 N.2 jul.dez.2019.
- PESSOA, Petrucio Ladjanio Araújo. **Tropeiros ou roceiros? Estudo de uma comunidade rural em São Vicente do Seridó (1923-1933)**. Monografia em História, UEPB, 2003.
- PONTES, Roberto. **Residualidade e mentalidade trovadorescas no Romance de Clara menina**. In: III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.
- PONTES, Roberto. **Lindes disciplinares da Teoria da Residualidade**. UFAM: Decifrar, [2007].

QUIRINO, Priscilla Pinheiro. **Geografia do Sentimento: A construção do Nordeste Brasileiro, Breves Considerações.** Ciências Geográfica – Bauru – XXVI – (3): Janeiro/Dezembro – 2020.

SOARES, Jéssica Thais Laiola; MIRANDA, Leonildo Cerqueira; MARTINS, Elizabeth Dias. **Resíduos Medievais: Na Literatura Regionalista Brasileira.** Universidade Federal do Ceará, [s.d].

ANEXO A – ENTREVISTAS DOS VAQUEIROS LOCAIS

Tabela 01 – Entrevista com o vaqueiro mais antigo da região, na tentativa de observar em suas falas aspectos medievais; gosto pelos patrões, fé, família patriarcal, mentalidade conservadora.

Entrevistado 1.	Resposta do Entrevistado.
Em que local você trabalhou como vaqueiro?	1964 – na fazenda de Santa Maria de Bechor Tomaz aos 26 anos de idade.
Com que idade surgiu o desejo de ser vaqueiro e por quê?	Desde criança, já nasci com esse desejo.
Como era a forma de pagamento no início do seu trabalho?	25 Tostão e o leite para os meninos.
Quais eram as suas responsabilidades no serviço?	Cuidar do Gado e roçado.
Você gostava dos seus patrões?	Gostava, nunca tive desentendimento com eles.
Você tomava conta da casa ou das posses dos seus patrões? Usava alguma arma?	Morava em casa separada, na casa dos vaqueiros. Usava apenas espingarda.
Quais os vaqueiros que havia na região? Quais os mais fortes e ousados?	Antônio Lucino e Fernandes Anjos.
Quem eram os donos das fazendas mais importantes da região?	Bechor Tomaz e Henrique Chicó.
De quem partiu a ideia de iniciar as cavalgadas no município?	Foi minha mesmo, faz 18 anos de cavalgada. Começou com 62 cavalos, hoje passa de mil.
Qual o sentido da cavalgada?	A primeira foi no dia de Nossa Senhora da Conceição, é uma questão de gosto pelos cavalos e Fé. Vêm vaqueiros de outros Estados. “Para ser vaqueiro tem que ser forte, vai além do gibão, tem que ter garra”.

Tabela 02 - Vaqueiro em atividade

Entrevistado 2.

Em que local você trabalhou como vaqueiro?	Em 1990, Fazenda Alagamar dos Lourenços de Lourival Jorge.
Com que idade surgiu o desejo de ser vaqueiro e por quê?	Desde criança trabalho como vaqueiro. Vem da influência de pai.
Como era a forma de pagamento no início do seu trabalho?	Salário mínimo da época – Cruzeiro.
Quais eram as suas responsabilidades no serviço?	Cuidar do gado e do roçado.
Você gostava dos seus patrões?	Sempre gostei.
Você tomava conta da casa ou das posses dos seus patrões? Usava alguma arma?	Cuidava só do gado e do roçado. Nunca usei arma.
Quais os vaqueiros que havia na região? Quais os mais fortes e ousados?	Zé Cupira e Chico Martins.
Quem eram os donos das fazendas mais importantes da região?	João Lourenço e Antônio Gonçalves.
Trabalha atualmente como vaqueiro?	Faz 19 anos que trabalho na fazenda de João Dantas, no Sítio Santa Cruz e Acauã. Cuida do gado e ganha 1 salário mínimo. Gosta de ser vaqueiro. “É uma vida sofrida, tem que ter coragem, é um sentimento que já nasce na pessoa.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Imagem 1 – Vaqueiro Zé Cupira



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 2 – vaqueiro Zé Cupira na cavalgada



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 3 – Vaqueiro Cheiro na cavalgada



Fonte: arquivo do autor

Imagem 4 – Vaqueiro Cheiro aboiando o gado



Fonte: arquivo pessoal

AGRADECIMENTOS

Ser grato é reconhecer que acima de tudo dependemos de alguém na nossa caminhada, seja acadêmica, profissional ou em qualquer setor que a vida nos proporciona. Antes de mais nada, agradeço ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, pela força, o vigor e sua presença nos momentos mais desafiadores da minha vida, posso afirmar que sem Ele seria impossível sobreviver a tantas adversidades, por isso faço das palavras do apóstolo Paulo, as minhas: “Portanto dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória perpetuamente! Amém” Romanos 11:36.

Em segundo lugar sou grato a minha esposa Ruth Burity a quem também dedico esse trabalho, falo com convicção que sem ela não seria possível enfrentar as situações difíceis, pois me ajudou em tudo para elaboração desse trabalho, nas horas difíceis sempre esteve ao meu lado para que eu não desistisse e sempre falava que daria certo. Ela é sinônimo de beleza, delicadeza, perseverança, força, inteligência e amor, jamais poderei esquecer o que fizestes e fazes por mim, te amo.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais, dona Goretti e seu José, que mesmo não tendo a oportunidade de estudarem sempre trabalharam incansavelmente para que os filhos não desistissem dos estudos e isso nunca vou esquecer. As broncas e as orientações foram fundamentais para que eu pudesse prosseguir, as lutas dos dois em trabalharem à exemplo do meu pai que se acordava de madrugada por ser padeiro e também agricultor, posso dizer que valeu a pena, eles têm meu respeito, gratidão e admiração, os amo. Agradeço a cada um dos meus 12 irmãos (não dá para citar um por um), todos assim como meus pais sempre tiveram dedicação e nunca deixaram de batalhar por uma vida melhor, apesar de todos serem de origem humilde.

Agradeço a todos os meus professores da graduação, todos são verdadeiros mestres. Gratidão a professora Dra. Luíra Freire, pela excelente orientação, uma profissional que dispensa comentários e que está disposta a ajudar aos seus alunos independentemente da situação ou visão, peço que Deus a abençoe. Grato ao professor Petrucio, pela também excelente orientação, Petrucio foi meu professor ainda no ensino fundamental, tive o desejo de ser professor de História por suas aulas

excelentes, sempre o admirei como profissional e tenho o privilégio de tê-lo como amigo, excelente profissional, esposo dedicado, pai cuidadoso.

Não poderei deixar de fazer menção aos meus sogros Joilda Buriti e Antonio Cândido (In memoriam). Meus sogros sempre vibraram comigo e estavam dispostos a me ajudar no que precisasse, minha sogra até hoje me ajuda e fica feliz pelas minhas conquistas, meu sogro sempre se alegrava e acredito que se estivesse entres nós, seria o primeiro a comemorar essa conquista e sair dizendo a todo mundo, que seu genro era formado e era muito inteligente, gratidão. Grato também aos colegas que fiz no decorrer da graduação, e também sou grato aos motoristas do ônibus, transporte que conduz os estudantes até Campina Grande, sem a maestria deles não teria como ir todos os dias em segurança. Por fim, sou mais do que vencedor por aquele que me amou, a Jesus tributo honra e glória, Amém!